

**INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA – CÂMPUS
COLORADO DO OESTE
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**DESCONHECIMENTO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE PELO
ADOLESCENTE: UM ESTUDO SOBRE A NECESSIDADE DE SABER PARA
SE PROTEGER**

PAOLA AGUIAR EINIK

**COLORADO DO
OESTE 2023**

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

PAOLA AGUIAR EINIK

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal de
ciências e Tecnologia - *Câmpus* de
Colorado do Oeste/RO, como requisito
parcial para conclusão do Curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas.**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO,
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Einik, Paola Aguiar.

Desconhecimento da sexualidade adolescente pelo adolescente: um estudo
sobre a necessidade de saber para se proteger / Paola Aguiar Einik, Colorado
do Oeste-RO, 2023.

18 f. : il.

Orientador(a): Prof. José Elias de Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO,
Colorado do Oeste-RO, 2023.

1. Educação sexual. 2. Adolescente. 3. Prevenção. 4. Autoconhecimento.
5. IFRO. I. Almeida, José Elias de (orient.). II. Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Juliana Machado da Silva Sasset, CRB-11/1140 (Campus Colorado do Oeste)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. METODOLOGIA	8
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	10
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
5. REFERÊNCIAS	20

DESCONHECIMENTO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE PELO ADOLESCENTE: UM ESTUDO SOBRE A NECESSIDADE DE SABER PARA SE PROTEGER

Paola Aguiar Einik¹
José Elias de Almeida²

Resumo: O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre a necessidade da educação sexual na escola. O mesmo foi realizado com alunos do 1º e 2º ano do ensino médio do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *Campus* Colorado do Oeste. As análises para elaboração do trabalho abordaram critérios de metodologia qualitativa, na qual foi utilizado o método de abordagem fenomenológica para análise dos dados. Durante o desenvolvimento das atividades, foi notório que a não implementação da educação sexual dentro da escola traz consequências como a falta de conhecimento na vida dos estudantes adolescentes, e que muitas vezes por não saberem prevenir-se, tomam decisões que podem comprometer a saúde, e provocar atrasos na vida escolar.

Palavras-chave: Educação, Sexualidade, Prevenção.

Abstract: This work is the result of research on the need for sex education at school. The same was carried out with students of the 1st and 2nd year of high school in the technical course in agriculture at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rondônia, *Campus* Colorado do Oeste. The analyzes for the elaboration of the work approached qualitative methodology criteria, in which the phenomenological approach method was used for data analysis. During the development of activities, it was clear that the non-implementation of sex education within schools covers a wide area of lack of knowledge in the lives of adolescent students, and that often, because they do not know how to prevent themselves, they make decisions that can compromise their health. , and cause delays in school life.

Keywords: Education, Sexuality, Prevention.

INTRODUÇÃO

O tema Educação Sexual quando tratado nos ambientes familiar e escolar, traz na maioria das vezes certo desconforto. Por ser um assunto compreendido e exposto de maneira equivocada, chegamos ao século XXI sem conseguir aceitar plenamente a real importância do tema para a qualidade de vida humana.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – *campus* Colorado do Oeste. paeinik.bio@gmail.com

² Professor EBTT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – *Campus* Colorado do Oeste. jose.elias@ifro.edu.br

Este assunto, discutido atualmente sob as garantias da LDB (9.394/96), há décadas vem sendo estudado e timidamente debatido no interior de escolas sempre enfrentando resistências ora docentes, ora familiar, considerando que em torno do qual gravitam concepções de cunho religioso e cultural. A polêmica que este assunto estabelece nas funções educativas das instituições escola e família, mascaram a “falta de coragem” ou omissão no tratamento do tema com seus adolescentes. Para Freud (1905), a sexualidade humana tem sido, no senso comum, impregnada pelo reducionismo que a conceitua apenas como sinônimo de genitalidade e de reprodução.

É notório sabermos que existem diversas culturas, e no Brasil, temos várias que se atrelam às religiões, opiniões e crenças sobre a sexualidade humana, de acordo com Konrath, (2013 p.19), a Educação sexual envolve muito mais do que conteúdos teóricos e informativos, lida também com dimensões de ordem pessoal. Neste aspecto, e segundo os PCNs (1998):

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam. O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professa alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz determina em grande parte a educação das crianças. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância. (PCN-TEMAS TRANSVERSAIS, 1998, p. 77).

Na perspectiva educacional, o assunto Educação Sexual deve ser difundido em instituições como a família e a escola, pois é onde o aluno se assenta em uma contínua aprendizagem (VITIELLO,1995 p.19). Sendo assim, na sociedade, o papel fundamental das instituições é atuar de forma a educá-lo visando uma vida sexual saudável para evitar malefícios à saúde e consequências negativas à sua vida futura. Para isso, o assunto deve ser tratado com mais frequência, responsabilidade e importância, dando ênfase na escola, pois é nela, que as crianças e os adolescentes passam a maior parte do tempo e desenvolvem o aprendizado.

Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de autorreferência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Educação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (PCN, 1997, vol. 10, p. 75).

Porém, isso ainda não é uma realidade concreta, segundo relatório da ONG internacional Human Rights Watch -HWR (Observatório Internacional dos Direitos humanos) em 2022, o Brasil viveu uma campanha legislativa e política nas três esferas de governo

—federal, estadual e municipal— que tem enfraquecido e até mesmo proibido a educação sobre gênero e sexualidade nas escolas. Isso advém de algumas ideologias implementadas pelos diferentes tipos de governos, tal prática é evidente nos posicionamentos dos ministérios da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e ainda da Educação, que reiteraram a despeito de uma possível “doutrinação” que estaria sendo usada nas escolas para incentivar o ato sexual, e com isso, criou uma espécie de guia para a prevenção da sexualização precoce e gravidez na adolescência, através da abstinência sexual. (FOLHA DE S. PAULO, 12/05/2022). A despeito disso, e sob tal perspectiva, estes posicionamentos subvertem a concretização de projetos na escola para a conscientização dos alunos. “A causa desse adiamento sucessivo é um medo intrínseco: que a educação sexual, em vez de promover uma maturação responsável do jovem, contribua antes para o lançar precocemente na atividade sexual”. (GUEDES, 2021).

Em virtude de atitudes assim, coloca-se à margem o real motivo para que educadores que desejam efetivar a educação sexual na escola, se sintam desamparados para tal intervenção, mesmo considerando a urgência de conteúdos como: conhecimento do próprio corpo, prevenção às infecções sexualmente transmissíveis-ISTs, gravidez indesejada na adolescência e abuso sexual. Para Santos; Assis; Marra; Oliveira (2021), apud SAITO et al:

A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade. (SANTOS; ASSIS; MARRA; OLIVEIRA, 2021, apud SAITO et al: 2000, p. 45).

A educação sexual deve ser implementada nas escolas em todas as fases, dentro do contexto e suas especificidades, mas uma fase que necessita ainda mais dessa frequência de tema é a adolescência, época em que ocorre aceleradas mudanças psicológicas e físicas que traz muitos questionamentos, formando-se hábitos, comportamentos e conceitos sobre o contexto de sua vivência e sobre diversos assuntos, como os relacionados à sexualidade (SANTOS et al, p. 25).

Observando o cenário de desfalque da educação sexual nas escolas que se contrapõe com as necessidades destas, o presente artigo é resultado de verificação feita objetivando identificar o nível de conhecimento sobre educação sexual dos estudantes do ensino médio (1º e 2º ano) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *Campus*

Colorado do Oeste-RO e, verificar junto aos mesmos se a escola trabalha o assunto de forma a contemplar as necessidades educativas deste público-alvo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual utilizamos o método de abordagem fenomenológica para análise dos dados. Conforme Giorgi (2008), existe uma revalorização da pesquisa fenomenológica/qualitativa que nos encaminha a correntes de pensamentos que consideram o homem como o ator de sua própria existência. Esse tipo de pesquisa enfatiza a obtenção de dados colhidos de forma descritiva, com base no contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado. Para Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa qualitativa guia o investigador ao entendimento do fenômeno em estudo partindo da experiência vivida, descrita pelo ser-no-mundo.

Para analisar a prática educacional da educação sexual, foram ministradas palestras sobre o tema nos 1º, 2º anos do ensino médio (Técnico em Agropecuária) do IFRO, *Campus Colorado do Oeste*.

O IFRO/Colorado, oferta o curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio. Nas respectivas turmas 1º ano (7 turmas), 2º ano (6 turmas), foram desenvolvidas palestras sobre o assunto “Sexualidade na Adolescência”, cujo principal objetivo foi promover esclarecimentos sobre o conhecimento do próprio corpo, prevenção as ISTs e gravidez na adolescência. A referida proposta teve como base um projeto de extensão do curso do curso superior de licenciatura em Ciências Biológicas, tendo como ministrantes estudantes do 8º período do referido curso, num total de 47. A atividade é parte integrante da formação acadêmica dos futuros professores. Segundo Tardif (2014) “[...] os saberes práticos brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser.” (TARDIF, 2014, p. 39).

A pesquisa envolveu 280 estudantes do ensino médio, sendo 104 (37,1%) do gênero masculino e 176 (63%) do gênero feminino, ambos na faixa etária compreendida entre 15 e 18 anos. A aplicação do projeto aconteceu nas próprias salas de aulas, e a dinâmica organizacional ocorreu com a formação em pequenos grupos, sendo feita uma abordagem inicial sobre o assunto buscando saber a compreensão dos estudantes adolescentes sobre educação sexual. Esta forma de ataque ao assunto, visava provocar uma reflexão sobre o conhecimento do próprio corpo, o entendimento deles sobre ISTs, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Na exposição dos assuntos, foram utilizados slides com imagens e textos e posteriormente aconteceu a realização de oficinas com a confecção de cartazes e exposição dos mesmos ao final da atividade. Durante as exposições verbais, o público-alvo foi estimulado a participar expondo seus pontos de vista sobre os assuntos. No decorrer do evento, foi estabelecido um clima de confiabilidade e segurança com os palestrantes que responderam às perguntas de forma satisfatória. A educação sexual para adolescentes induz ao diálogo, a reflexão e elaboração de sentimentos, comportamentos e conhecimentos compartilhados face à sexualidade, levando em consideração suas angústias e inseguranças relacionadas ao tema. (IKEGIRI, 2022).

Alguns adolescentes preferiram se retirar das salas pois não se sentiam à vontade para falar sobre o assunto.

A curiosidade adolescente permeou toda a discussão, o que confirmou a hipótese de que o assunto, embora importante, era pouco ou quase nada conhecido de muitos. Para aferir os níveis de conhecimento do público-alvo, foi utilizado um questionário com 06 perguntas onde buscamos saber além dos conhecimentos prévios, com que frequência professores e a escola tratam o assunto? Que grau de importância era atribuído ao assunto pelo público-alvo e, dos temas abordados, quais os que mais despertaram a atenção? Por fim, buscou-se saber quais instâncias são procuradas como fontes de “tira dúvidas” sobre os temas estudados?

Lins et al. (2009), informa que há uma lacuna de informações pela falta da educação sexual nas principais instituições em que os adolescentes convivem; entre elas, destacam-se a escola e a família. A consequência disso são os sentimentos de culpa e de medo que atingem essa faixa etária, fazendo com que estes passem a buscar informações em fontes pouco seguras ou incapazes de ajudá-los (LINS, et al, 2009). Para GONÇALVES, FALEIRO & MALAFAIA (2013), apud TIBA (1994); TRINDADE & BRUNS (1999), a ausência da educação sexual no ambiente familiar é mantida porque nela permanece a ideia de filhos “assexuados”, sendo a sexualidade considerada exclusiva do mundo adulto.

Para Campos e Miranda (2022), [...] o tema, por vezes, é confundido, em função do desconhecimento de parte da sociedade, com o uso, em ambiente formal de aprendizagem, de práticas associadas ao erotismo, o que priva os alunos do acesso a informações importantes para o seu desenvolvimento e formação integral. (CAMPOS E MIRANDA, 2022), apud FURLANETTO, 2018) [...] Essa cultura conservadora trata a Educação Sexual com certo obscurantismo, o que dificulta o processo de ensino desta temática pelas escolas.

Considerando o número expressivo de turmas e alunos (13 turmas/280 alunos), o projeto Sexualidade na Adolescência foi desenvolvido em datas distintas: 05 e 19 de outubro/2022).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho foi desenvolvido com viés na importância da educação sexual para os adolescentes, com ênfase no recorte aplicado aos alunos do 1º e 2º ano do curso Técnico em Agropecuária- Ensino Médio, do IFRO/*Campus* Colorado do Oeste, por se tratar de estudantes que permanecem o dia na escola, considerando que o curso técnico em agropecuária funciona de forma integral. Associado a isso, a escola abriga cerca de 160 estudantes internos, oriundos de outros municípios, e que residem na instituição. O interesse foi discutir à luz da ciência, o assunto, considerando que por um lado há um longo período de convívio diário destes jovens, e por outro, a instituição IFRO/Colorado do Oeste que não se atenta para o desenvolvimento de ações educativas, projetos etc. que possam instruir o referido público para melhor compreender, se proteger e viver de forma saudável este período de transição da idade infantil para a idade adulta. [...] A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, se habilitará a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. (PCN, temas transversais, 1998, p. 13).

PERFIL DOS ADOLESCENTE PARTICIPANTES

Abaixo está o levantamento do total de 13 turmas do 1º(primeiro) e 2º(segundo) ano do ensino médio, correlacionando o gênero e o total de educandos que participaram do projeto respondendo ao questionário aplicado após as palestras ministradas pelos acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Tabela 01: Quantidade e gênero de participantes

Gênero	Alunos	Percentual
Masculino	104	37 %
Feminino	176	63%
Total	280	100%

Fonte: EINI (2023).

A tabela 01, aponta uma predominância do gênero feminino quanto ao número de sujeitos pesquisados. 37% gênero masculino e 63% do gênero feminino. A diferença de 26% que separa os gêneros envolvidos aponta para uma realidade concreta: as mulheres demonstram maior interesse pelo estudo e posterior ascensão ao mercado de trabalho com mão de obra qualificada.

Outra possibilidade que justifica a presença maciça das estudantes é o fato de o assunto despertar maior interesse neste público específico, considerando os temas: métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Já os meninos, em sua maioria é recorrente o desconforto em se expressar sobre o assunto, preferindo buscar informações fora do contexto científico. Isto posto, alimenta alguns tabus sobre a sexualidade humana, o que dificulta o avanço mais rápido na compreensão da essência do Ser Humano sexual e dos papéis de cada um livres de preconceitos.

“Por serem as meninas que engravidam, o assunto gravidez acaba sendo considerado de maior interesse e responsabilidade das mulheres. Para os/as estudantes, a menina é mais responsável pela gravidez do que o menino, “porque é quem vai ficar grávida” (ALTMANN, 2003).

No quadro 1, podemos observar a estratificação das idades dos sujeitos da pesquisa, bem como os respectivos percentuais que em sua maioria os categorizam como adolescentes.

Quadro 1: idades do público pesquisado

Feminino		Masculino		
Idade	15 anos	44 %	15 anos	47,2 %
	16 anos	29,5 %	16 anos	24,3 %
	17 anos	21 %	17 anos	19,5 %
	18 anos	5,5 %	18 anos	7 %
		100 %	19 anos	2 %
				100 %

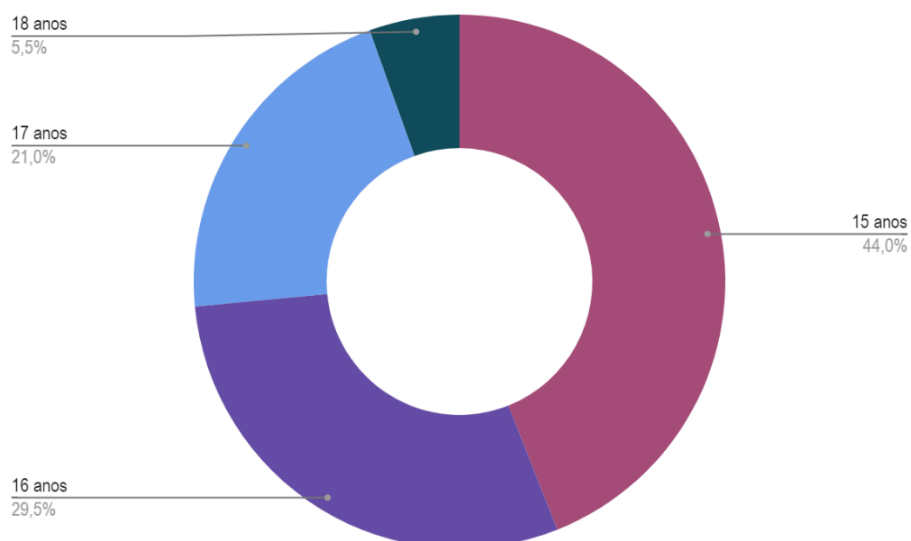
Fonte: EINI (2023)

Conforme o Artigo 2º da Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do adolescente-ECA), “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Assim, de acordo com a atual legislação o termo “incompleto”, infere que a cronologia da idade 18 e 19 anos (14,1%), dos sujeitos da pesquisa não são adolescentes. O marco divisório (legal) da idade, a nosso ver,

não influencia a forma de ser adolescente no enfrentamento de uma fase de profundas e rápidas mudanças na vida física, emocional, psicológica, social, sendo a vulnerabilidade uma companhia constante na vida adolescente.

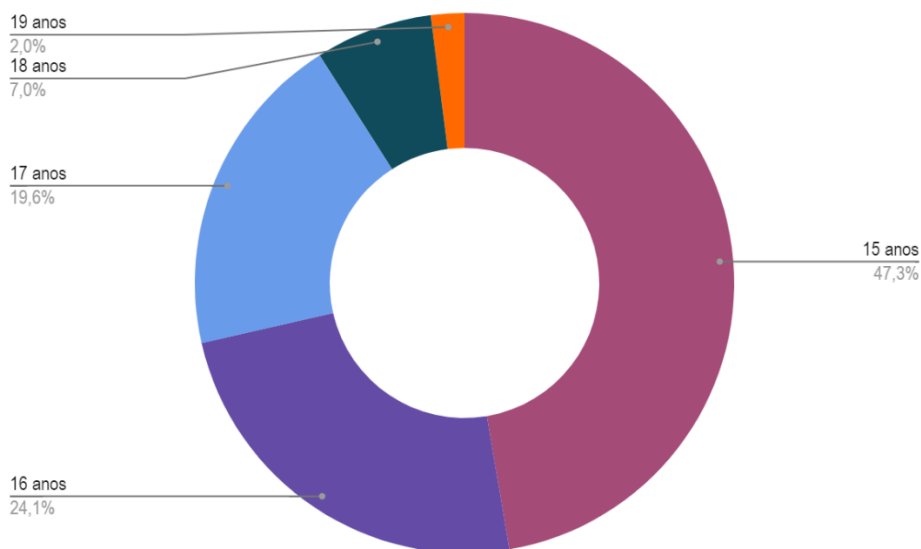
Objetivando melhor ilustrar visualmente os índices etários utilizamos os gráficos 1 e 2 para ratificar o que mostra o quadro 1

Gráfico 01- Idade de discentes do gênero feminino.



Fonte: EINI (2023).

Gráfico 02: Idade de discentes do gênero masculino.



Fonte: EINI (2023).

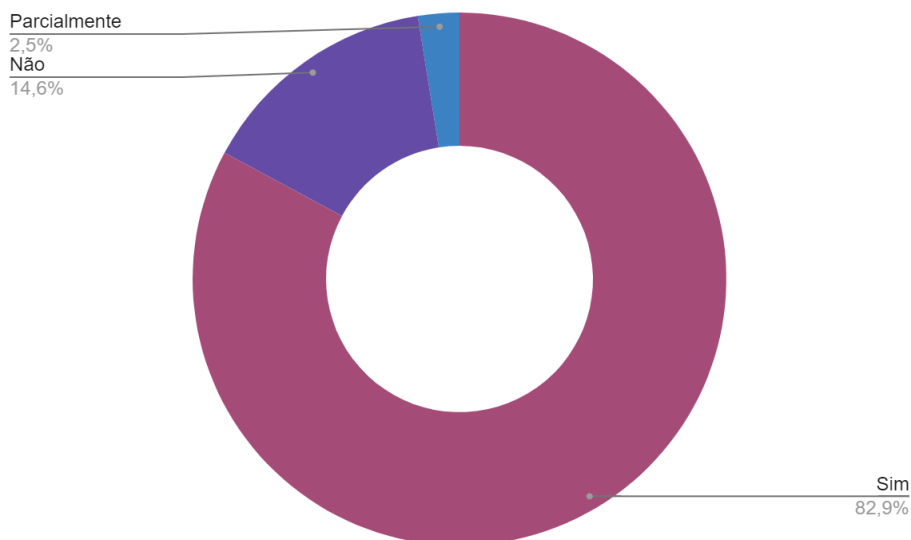
Ao analisar as idades do público pesquisado (Gráfico 01 e 02), constatou-se a prevalência da idade de 16 anos seguido de 17 anos como o 2º maior grupo, 15 anos no 3º agrupamento, 18 anos ocupando o 4º grupo e 19 anos como o menor agrupamento dos estudantes participantes da pesquisa.

É importante ressaltar que de acordo com a legislação brasileira (Emenda Constitucional nº 59/2009), assegura no campo do direito educacional, [...] Consolidação do direito público subjetivo para todas as etapas da Educação básica (Educação infantil, ensino fundamental e ensino médio para toda a população); e [...] estabelece a matrícula compulsória na educação básica para o corte etário de 4 a 17 anos. Portanto, os sujeitos com 18 anos (Masc/Fem = 12,2%) e, 19 anos (Masc = 1,9%), não estão rigorosamente na faixa etária do Ensino Médio. No entanto, a idade não os descaracteriza como não adolescentes.

Segundo o Censo Escolar 2021, em 35 milhões de estudantes matriculados no ensino fundamental e médio, nas redes pública e privada, mais de 7 milhões estão em situação de distorção idade-série (5 milhões no ensino fundamental e 2 milhões no ensino médio), ou seja, têm dois ou mais anos de atraso escolar (INEP, 2022).

Gráfico 3 – Antes da palestra “Educação Sexual”, você tinha conhecimento dos temas abordados?

Gráfico 3



Fonte: EINI (2023)

Muitos jovens que vivem o período da adolescência têm carecimento relacionado a informações sobre mudanças físicas, químicas, emocionais e psicológicas vivenciadas pelo seu corpo orgânico e mental, cabendo ao meio educacional/acadêmico e ao ambiente familiar orientar da melhor forma o indivíduo durante essa etapa da vida.

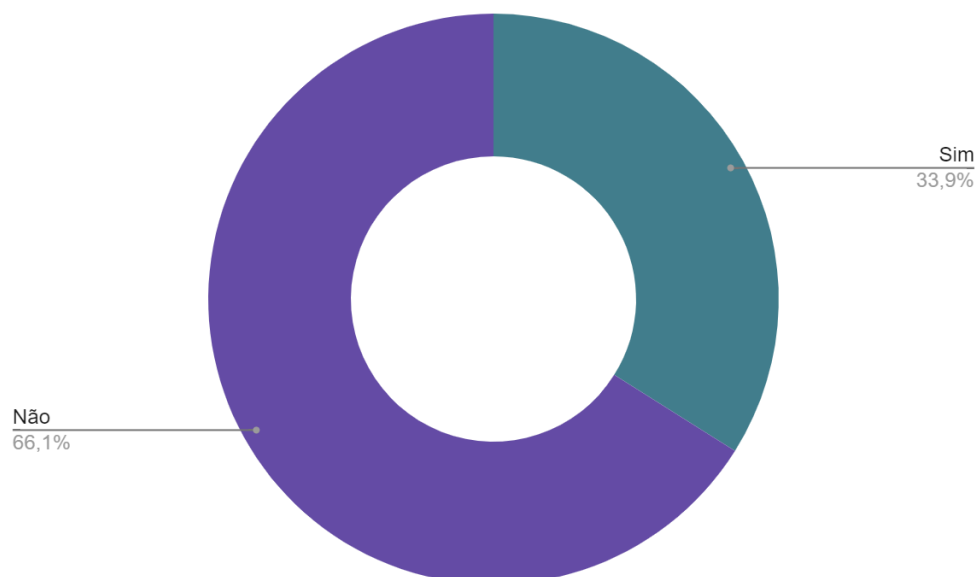
Dias & Matos (2013), são da opinião de que o ambiente familiar desempenha papel crucial no conhecimento da sexualidade do adolescente, pois é no seio familiar que o indivíduo passa a maior parte do tempo, contracenando com a instituição escolar. São os pais que na maioria das vezes de forma inconsciente, influenciam direta ou indiretamente os filhos, suas atitudes, crenças e valores. Porém, nem sempre os pais têm conhecimento de tais temáticas. Sendo a relação familiar restrita e limitada, faz com que certos assuntos, principalmente sexualidade, não sejam abordados de forma prática e fácil para ambos.

Enquanto a família se mantém num hiato, seja pelo “desconhecimento dos assuntos” que envolvem a educação sexual dos seus filhos e filhas ou seja pela “falta de tempo”, “a mídia”, os “amigos ou parentes” e outros grupos sociais dos quais fazem parte, ocupam o espaço deixado por ela, influenciando as crianças e os jovens direta ou indiretamente, repassando e inculcando valores morais, éticos e religiosos que nem sempre são compatíveis com os próprios valores familiares. (FREITAS, 2019, p.38).

Mesmo imersos em ambientes de fácil acesso a todo tipo de informações, alguns padrões familiares, regras e normas de convivência baseados em paradigmas morais/religiosos conservadores, atuam como barreiras que impedem uma comunicação franca entre jovens que querem e precisam saber, e famílias/escolas que não tem atitude para educar pela informação e o diálogo.

Gráfico 4 – Durante o tempo em que você estuda na instituição, como aluno, este assunto foi abordado por professores?

Gráfico 4

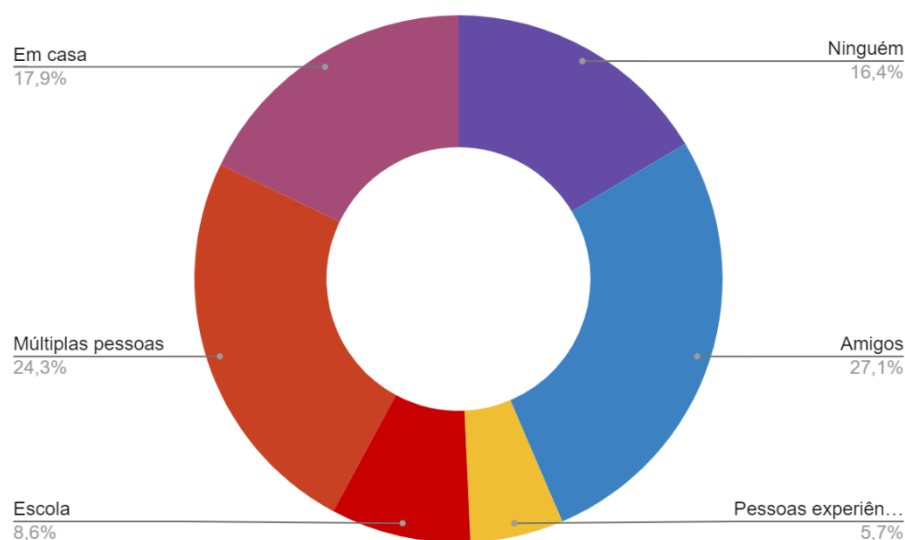


Fonte: EINI (2023)

Como já mencionado, a escola e a família são pilares fundamentais para o aprendizado do indivíduo na vertente sexual, porém como foi exposto no gráfico 4, grande parte dos alunos não estão familiarizados com o assunto dentro da sala de aula. Todavia tem acesso às informações por outros meios, o que sinaliza uma lacuna a ser preenchida na instituição. Não havendo orientação adequada para o desenvolvimento desta temática, os adolescentes recorrem a outras fontes de informação, sendo elas principalmente com amigos, com a internet, e raramente com familiares. “Os pais e a família mais próxima, os amigos e colegas, os meios de comunicação social e as novas tecnologias são alguns exemplos dos agentes de socialização informal. (DIAS; MATOS, 2013).

Segundo os PCNs, a orientação sexual na escola é entendida como atividade transversal, perpassando todos os níveis de ensino e disciplinas ou atividades escolares, já que se trata de uma questão inerente ao ser humano, construída coletiva e socialmente ao longo do seu desenvolvimento e baseada nas relações de necessidades e interesses. (BRASIL, 1998).

Gráfico 5 – Em quais ambientes listados abaixo você mais dialoga, tira dúvidas sobre este tema?

Gráfico 5

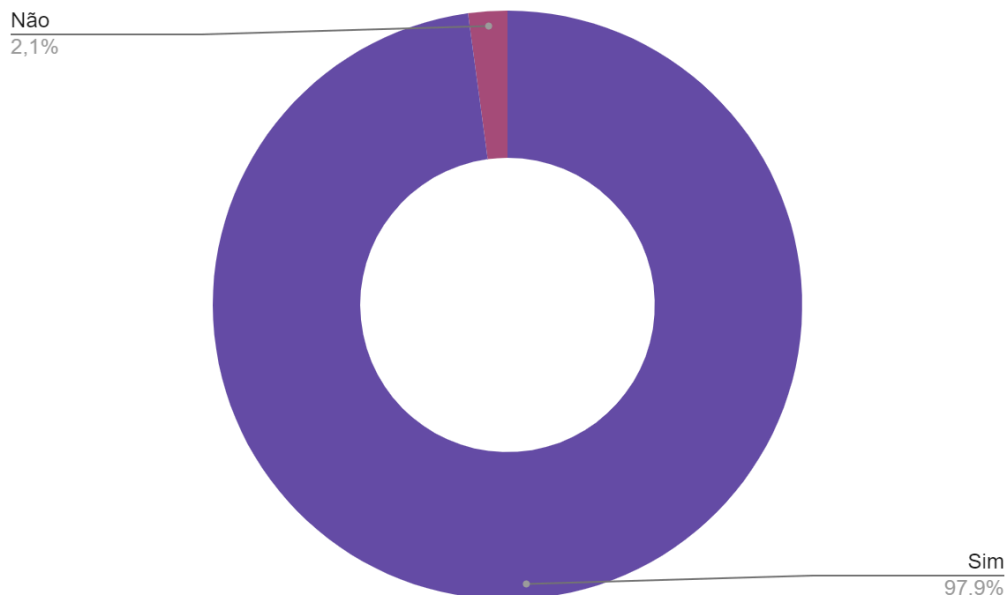
Fonte: EINIK (2023)

Analisando o cenário do gráfico 5, foi identificado que as principais fontes de informação dos jovens são os amigos e pessoas de seu cotidiano, demonstrando que tais informações são de procedências informais e empíricas, não sendo necessariamente confiáveis devido ser baseadas em experiências muitas vezes pessoais e desagradáveis. Portanto, não se caracterizam como aprendizagens significativas que contribuem de forma efetiva com a formação educacional para adolescentes.

Fica evidente que os estudantes têm pouco acesso ao aprendizado sobre sexualidade através da escola e de pessoas com informações adequadas. Correlacionando esses dados com o gráfico 4, nota-se que devido a instituição não abordar o tema de forma contínua, há a necessidade de se buscar informações em outras instâncias mesmo que sejam desprovidas de cunho científico, que por consequência podem ser equivocadas e falsas, confirmando o que Lins et al (1988), afirma sobre a evolução das sensações, comportamentos e decisões sexuais serem influenciadas por outros jovens.

Gráfico 6 – Você entende como sendo importante trabalhar este assunto com os alunos do IFRO?

Gráfico 6



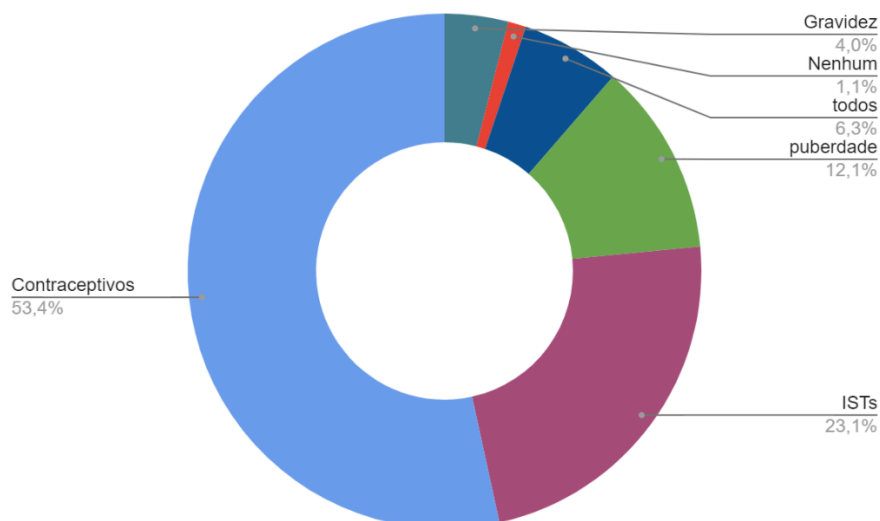
Fonte: EINI (2023)

O gráfico 6 ratifica o interesse dos adolescentes pelo assunto. São muitas as dúvidas e os medos, mas a curiosidade é a variável que mais incide na busca por informações. Diante do contexto, entendemos que as transformações vividas pelos adolescentes provocadas por sensação de desconforto e inquietação motivadas por uma série de alterações biológicas e psicológicas, são demandas suficientes para que a escola compreenda que precisa incluir em sua proposta pedagógica este assunto. O “Sim” quase unânime dos pesquisados (97,9%), precisa ser entendido como uma espécie de “convocação” para a instituição escola.

O significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmos e das questões correlatas ao tema, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade. Além disso, queremos formar cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo (BRITTOS et al, apud FIGUEIRO, 2006, p. 67).

Gráfico 7- Quais os temas que mais despertou sua atenção

Gráfico 7



Fonte: EINI (2023).

O gráfico 7, evidencia que os jovens participantes da pesquisa têm consciência e interesse a respeito das consequências de se ter uma vida sexual com responsabilidade. Para Ribas e Júnior (2019), apud Abramovay (2004), A sexualidade é tema que tem prioridade para os jovens, provoca debates, polêmicas e grande interesse. Informações equivocadas sobre sexualidade contribuem para a vulnerabilidade dos adolescentes frente às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez precoce ou indesejada (RIBAS; JÚNIOR, 2019 apud ABRAMOVAY, 2004, p. 33).

Reforçando a questão sobre a importância da educação sexual, a P5 identifica o que é de maior interesse no assunto educação sexual entre os adolescentes. Os contraceptivos (51,1%), é o que mais desperta curiosidade pelo fato de suscitar dúvidas como: qual o melhor, o mais eficiente, os que não provocam efeitos colaterais, como usar, quando usar, etc. Na sequência, as ISTs, é o outro eleito como merecedor de atenção por uma significativa parcela do grupo. Os demais temas estudados também foram considerados relevantes. A que se chama a atenção para os dois principais indicados: métodos contraceptivos e ISTs.

P6 – Na sua opinião, “Educação Sexual” deve ser abordada com mais frequência na escola?

Ao analisar as respostas dos entrevistados, foi observado que a maioria dos estudantes concordam com a ideia de que o assunto sexualidade na adolescência deve ser estudado de forma contínua em sala de aula sob orientação de docentes previamente preparados.

Ao refletir sobre as respostas, em sua maioria o público-alvo indicou suas curiosidades, desejos pelo conhecimento, dúvidas. Esse mundo obscuro da sexualidade adolescente pode ser percebido em suas falas:

- Sim para Conhecer o próprio corpo;
- Sim para criar senso de responsabilidade;
- Sim para se prevenir;
- Sim pelos fatos citados, adquirir conhecimento através da conversa já que alguns não conversam sobre este assunto;
- Sim, o conhecimento é adequado pois o diálogo é fechado em casa na maioria das vezes, a vergonha ou medo de tirar dúvidas para se prevenir.

É evidente que os discentes participantes da pesquisa têm consciência e maturidade suficiente para entender a importância e benefícios de se desenvolver tais temáticas em sala de aula.

[...] Há adolescentes que perguntam muito, outros nada interrogam e outros, ainda, precisam de um ambiente encorajador para levantar questões. Todos devem ser considerados seres sexuais. Portanto, o diálogo é o exercício natural para o desenvolvimento da relação adulta, para o encontro entre as pessoas. A escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la, e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque o jovem não chega à escola sem ideias, mas já com diversas inscrições acerca do sexo (BARROS; MIRANDA, 2019, apud MOIZÉS; BUENO, 2010, p. 206).

Outro fato relatado na resposta dessa pergunta foi a do “abuso”, onde uma aluna levantou a questão da importância de “palestras assim, pois foi em uma dessas que identifiquei um abuso que sofri anos atrás”, reforçando a ideia de que o autoconhecimento é vinculado diretamente com a prevenção, não somente de ISTs, gravidez, mas também de abuso sexual.

Os episódios de abusos sexuais, longe de serem idênticos, distinguem-se profundamente, seja pelo autor da violência sexual, seu grau de parentesco com a vítima, autoridade e responsabilidade em relação ao vitimizado, idade e sexo da vítima e do abusador, tipo de violência cometida, duração e frequência e o local em que ocorrem. (MARTELLI, 2013, apud, BRASIL, 2007, p. 39).

Por razões de origens sociais, religiosas, psicológicas, entre outras, ainda existe na sociedade um amplo receio em abordar o assunto do abuso sexual com crianças e adolescentes. Segredos e silêncios rondam essa temática, bem como visões e aceções distorcidas a respeito do abuso sexual, dos abusadores, dos abusados, da veracidade dos fatos, entre outras coisas. Mitos e preconceitos ainda permeiam a célula-mater da sociedade

familiar, mas precisam ser questionados para conseguirmos compreender essa violência que extrapola o âmbito familiar e chega às escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a abordagem do tema educação sexual nas escolas contempla um espaço de conhecimento significativo na vida dos alunos de forma geral. Considerando que a maior parte da vida adolescente se passa dentro da escola, negar este tipo de conhecimento é negligenciar o enfrentamento de problemas que afetam a vida sexual do aluno, e que por consequência pode estender-se ao convívio em sociedade, afetando negativamente seu potencial cognitivo.

Os resultados nos mostram que não falar sobre o assunto na escola, não significa que este não será estudado de maneira correta fora dela. Se este for abordado para fins de conhecimento e prevenção, que seja por uma instituição confiável, pois cada fase de desenvolvimento do jovem exige uma maneira correta de se falar no assunto, respeitando o processo de crescimento cronológico, psíquico e mental.

Com a descoberta da sexualidade, o mundo adolescente sofre abruptas mudanças, e, como todas as situações/problemas a desinformação ainda permeia espaços na vida dos jovens que deveriam ser ocupados pela família e pela escola. Fala-se muito de sexo, mas quase sempre para limitar, ameaçar ou proibir, considera-se um instinto rebelde e para que possam ser controladas são criadas normas e regras que muitas vezes de formas implícitas reprimem, domesticam, alienam.

O trabalho escolar deve se aproximar mais do assunto sexualidade/adolescente, pois entendemos que a escola é o melhor ambiente de aprendizagem para este assunto. Implementar a educação sexual dentro do IFRO Colorado do Oeste, onde a maioria dos adolescentes convivem uns com os outros na modalidade de ensino integral, outros internos 24 horas, fará com que consequências negativas de uma vida sexual ativa sejam minimizadas ou quase nulas. O autoconhecimento e o respeito pelo outro, trará ao aluno adolescente, de forma eficiente, a construção de autonomia sexual segura na fase de transição para a vida adulta, sem o impedir de viver sua sexualidade de forma responsável e saudável.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Campinas, **Cadernos pagu**, p. 281-315, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9R687RDDkhwWJ8mRfcfhtFx/?format=pdf&lang=pt> - Acesso em: 25/03/2023.

BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e; MIRANDA, Jean Carlos. **Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar.** *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 4, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/4/abordagem-do-tema-sexualidade-no-ambiente-escolar> - Acesso: 21/06/2023.

BRASIL, Constituição (1988), Título XVII, Capítulo III - DA EDUCAÇÃO, Art. 208, 211, 212, 214. Emenda constitucional nº 59, 11/11/2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm - Acesso: 21/06/2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2021.** Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-resultados-finais-do-censo-escolar-2021> - Acesso em: 20/06/2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL. 2ª ed. Atualizada/2022. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf - Acesso: 29-05-2023.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> - Acesso em: 26/02/2023.

BRITTOS, Eritânia Silmara de; SANTOS, Aline Bruna dos; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A importância da educação sexual na formação de professores: o projeto laboratório de educação sexual adolecer e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar.** III SIES, Maringá, PR. 2013. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-08.pdf - Acesso: 20/06/2023.

CAMPOS, I.C. MIRANDA, J.C. **EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UMA NECESSIDADE URGENTE.** Boletim de Conjuntura (BOCA) ano IV, vol.12, nº. 34, Boa Vista-RR, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732/513> - Acesso: 30/05/2023.

DIAS, Sandra; MATOS, Margarida Gaspar de. **Educação sexual em meio escolar: percepção dos alunos.** 2013. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/754/1/rpca_4_2_3.pdf - Acesso em: 22/05/2023.

Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL. Disponível em:

https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf
- Acesso: 21/06/2023

FREITAS, Dhilma Luci de. **Dificuldades dos pais na educação dos filhos e filhas relativas à Educação Sexual**. Revista Escola de Pais - Seccional da Grande Florianópolis – dezembro de 2019, p. 38. Disponível em: <https://escoladepais.org.br/pais-na-educacao-sexual/> - Acesso: 02/06/2023.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro. Disponível em: <file:///C:/Users/Jose%20Elias%20de%20Almeid/Downloads/admin,+20332-84783-1-PB.pdf>
- Acesso em: 26/02/2023.

FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C.B.; MARIN, A.H. **“Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura”**. Cadernos de Pesquisa, vol. 48, n. 168, 2018. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732/513> - Acesso: 30/05/2023.

GIORGI, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In J. Poupart (Org.), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp.386-409). Petrópolis: Vozes. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HY5BkwhGFWzzkxjVdYQQ9Fd/?format=pdf&lang=pt> - Acesso em 08-03-2023.

GUEDES, Aléssia. **Falta de acesso à educação sexual afeta autonomia de mulheres e adolescentes**. UFPB, João Pessoa-PB, 2021. Disponível em: <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/falta-de-acesso-a-educacao-sexual-afeta-autonomia-de-mulheres-e-meninas> - Acesso: 30/05/2023.

IKEGIRI, Aparecida Cavalcante. **Educação Sexual para Adolescentes**. Centro de Estudos de Fisiologia do Exercício e Treinamento (CEFIT)/PUC/SP. 2022. Disponível em: <https://www.dracidinha.com.br/educacao-sexual-para-adolescentes> - Acesso: 30/05/2023.

KONRATH, Vera Lucia. *Educação sexual nas escolas: marcas e concepções culturais*. MS thesis. PPGECE; Ensino de Ciências Exatas, 2012. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/f4644417-0c38-4094-bf15-896845c888bf/content>. Acesso em: 12/04/2023.

LINS LCS, Pereira EMDR, Lira IV. Como anda a educação sexual dos jovens. *Rev Bras Enferm* 1988; 41(2):121-131. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8kgddtXc5hSsg9bt985zwsj/?lang=pt#:~:text=Na%20adolesc%C3%A2ncia%2C%20a%20viv%C3%A2ncia%20da,pelo%20medo%20de%20assumi%20Da>. - Acesso em 13/03/2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: https://cursoslivres.grupoceuma.com.br/pluginfile.php/127/mod_resource/content/5/Livro%20Online%20M%C3%B3dulo%20II.pdf - Acesso em: 08-03-2023.

MARTELLI, Andréa Cristina. **ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?**. III SIES, Maringá, PR. 2013. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-05.pdf - Acesso: 21/06/2023.

MIRANDA, Jean Carlos; BARROS, Márcia Graminho Fonseca Braz e. **Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar**. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 4, 19 fev. 2019.

R. C. Gonçalves, J. H. Faleiro, G. Malafaia. **EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR E ESCOLAR: IMPASSES E DESAFIOS**. (2013). HOLOS, Ano 29, Vol. 5 – Disponível em: [file:///C:/Users/Jose%20Elias%20de%20Almeid/Downloads/cousteau,+18071600_Vol_5_2013_251_263%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jose%20Elias%20de%20Almeid/Downloads/cousteau,+18071600_Vol_5_2013_251_263%20(3).pdf) - Acesso: 30/05/2023.

RIBAS, Taíssa Roberta; JÚNIOR, Bertoldo Schneider. **Gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis**. UTFPR, Curitiba PR. 2019. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/439-2.pdf> - Acesso: 19/06/2023.

SANTOS, Ana Laura Romano dos (ORG.); ASSIS, Ana Luiza Rodrigues; MARRA, Bárbara Paraguai; OLIVEIRA, Maria Eduarda Pereira de. **Educação sexual no ambiente escolar**. CENRO UNIVERSITÁRIO UNABETIM INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, Betim-MG, 2011. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14452/7/EDUCA%C3%87%C3%83O%20SEXUAL%20NO%20AMBIENTE%20ESCOLAR.pdf> – Acesso: 19/04/2023.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2724102/mod_resource/content/1/Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional.pdf - acesso em 13-03-2023.

VITIELLO, Nelson. "A educação sexual necessária." *Revista brasileira de sexualidade humana* 6.1 (1995). Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/793 – Acesso em: 23/02/2023.